

LAIN DIDIER-WEILL E O ADVENTO DO SUJEITO COMO INVOCANTE: UMA INTERLOCUÇÃO COM MARIA LIDIA ARRAES ALENCAR

Alain Didier-Weill¹

Maria Lidia Arraes Alencar²

Cristiane Cardoso³

TRÊS QUESTÕES EM TORNO DO OBJETO VOZ ENDEREÇADAS A ALAIN DIDIER-WEILL, POR MARIA LIDIA ARRAES DE ALENCAR

Gostaria de fazer três perguntas, ambas articulando o tema do objeto voz (como proposto por Lacan), ao tema da criação artística e invenção da obra.

No início dos anos 60, vemos 3 investidas de Lacan sobre o tema do objeto voz, no sentido de cercá-lo, dimensioná-lo, dando-lhe seu estatuto conceitual. Refiro-me a três momentos: em “A Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960), “Os Nomes-do-Pai” (1963) e em “O Seminário, livro X, A Angústia”(1962-63).

Em “Subversão do sujeito e a dialética do desejo”, Lacan aborda o objeto voz, a propósito de situar e distinguir os dois andares do grafo (do desejo), com a voz incidindo, justamente no ponto que separa os andares, de um ponto de indecidibilidade, prévio à invocação, que também é o ponto a partir da qual enunciamos o discurso, deixando para trás todas as possibilidades não enunciadas. A voz, nessa abordagem, é um marco, que faz abrir em leque as vertentes do discurso.

Em “O Seminário - A angústia - livro X”, de 1963, Lacan define que o estatuto do objeto voz se diferencia das outras formas (oral, anal e olhar), por comparecer como aquele que efetivamente liga o desejo e a angústia, não podendo deixá-la de fora. E, no mesmo ano (1963), em “Os Nomes do Pai”, ele é mais preciso ainda, quando situa a voz, exemplificada no supereu, como a evidência que faltava de que o Outro não é só uma miragem, mas é onde Isso goza.

1 Psicanalista. Foi membro da École Freudienne de Paris, fundada por Jacques Lacan. Criou a Association Insistance Paris/Bruxelas.

2 Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Doutora em Teoria Psicanalítica/UFRJ. Pós-doutora em Psicologia/UFMG.. Professora Associada/UFF. Psicóloga. E-mail: lidiaarraes@gmail.com .

3 Psicóloga e Psicanalista. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Paris.

Todas essas aproximações vêm corroborar a tomada do ritual judaico com o shofar, como ilustração do objeto voz, que existe separado e com função de inaugurar uma nova ordem, a passagem do “sem lei para o com lei”, a marca civilizatória.

Desse modo, podemos dizer que as menções ao objeto voz, nesse período do ensino de Lacan, tocam a raiz da fundação do simbólico, o litoral que separa o simbólico do real, sendo, ao mesmo tempo, o seu elo.

Então, nos perguntamos:

1. Seriam os conceitos de objeto e letra coincidentes para Lacan?
2. A face muda, presente em sua ausência, do objeto voz implicaria na sublimação - poesia, música, etc. - como respostas do sujeito contornando a borda do real?
3. No caso da invenção joyceana, letra e objeto se fundiriam a partir das falas impostas por seu pai para silenciá-las, criando um semblante que sustentasse seu “ego”?

Aguardo a possibilidade de uma interlocação a partir destas perguntas.

Abraço, Maria Lidia Arraes Alencar

DUAS QUESTÕES PRELIMINARES FUNDAMENTAIS: RESPOSTA DE ALAIN DIDIER-WEILL, RECOLHIDA POR CRISTIANE CARDOSO⁴

Alain Didier-Weill: *Bom dia, Maria Lidia. Agradeço por ter me endereçado essas notas de leitura a propósito da pulsão invocante de Lacan. Penso que previamente é preciso colocar duas questões fundamentais:*

1. *Primeira questão: Como se dá que Freud nunca tenha falado da pulsão invocante? Esta é uma questão muito importante e que tem relação com a sua concepção da psicanálise.*
2. *Lacan nos deixa igualmente uma questão, a qual devemos levar em consideração: Ele diz que a pulsão invocante nunca foi compreendida pelos analistas em seus efeitos sobre a clínica.*

Essas duas questões me suscitam algumas reflexões, das quais eu lhe dou uma pequena amostra.

⁴ Tradução de Renata Mattos-Avril

Não é indiferente compreender a diferença de posição de Lacan e de Freud apreendendo a afinidade do pensamento de Lacan com a dimensão de um “surgimento” ex nihilo, como ele diz, mas do sujeito; enquanto que Freud não se coloca esta questão. Talvez sua atenção direcionada à sexualidade dos neuróticos não o colocava à disposição de se ocupar das questões acerca da causalidade significativa, mais especificamente colocada pela psicose. Mas talvez também sua própria maneira de ser ateu – bastante diferente da forma de Lacan –, o desviando de todo pensamento criacionista, o destinava a permanecer próximo da concepção grega de um real incriado que não surge ex nihilo.

Ainda, além da eterna tensão entre a arte clássica e a arte barroca, além da oposição entre um Freud clássico e um Lacan barroco, resta que este conflito, que envia àquele do descontínuo e do contínuo, é uma das formas de pensar a divisão mesma do sujeito, divisão que se dispõe, no plano sonoro, a dever articular a antinomia da consoante descontínua e da vogal contínua. E sobre o plano visual, a dever articular a antinomia entre a linha que limita e a cor irradiante que não conhece nenhum limite.

O sujeito, apenas adviria como invocante permanecendo dividido em relação ao real, que seria ao mesmo tempo de ordem barroca e de ordem clássica: esse sujeito estaria numa relação “barroca” com o real por intermédio do tempo a-histórico da pulsação constante da pulsão? Sua relação “clássica” para com o real estaria fundada pela interdição de gozo que, por intermédio da linha visual e da consoante sonora, limitaria a constância a-histórica da consoante e limitaria a constância a-histórica do fluxo pulsional.

Cristiane Cardoso: Maria Lidia diz em seu texto que a função do objeto voz, uma de suas funções, é a de inaugurar uma nova ordem: a passagem do “sem Lei” ao “com Lei”, a Lei do simbólico, da palavra. E você, em seu texto “Quelques remarques sur le passage du son au sens⁵” (Algumas observações sobre a passagem do som ao sentido), publicado no número 5 da revista “Insistance”, você fala desta passagem da Lei da harmonia à Lei da palavra. Seria a Lei da harmonia esse tempo sem Lei?

Alain Didier-Weill: *Já é uma Lei. É uma Lei que permite ouvir a música.*

⁵ Didier-Weill Alain, « Quelques remarques sur le passage du son au sens », Insistance, 2011/1 n°5, p. 11-13. DOI : 10.3917/insi.005.0011

Cristiane Cardoso: Mas qual é então esse tempo sem Lei? Se, antes da palavra há a música e, assim, a Lei da harmonia, qual é o tempo sem Lei?

Alain Didier-Weill: *É o tempo traumático, em que não há nada, em que há apenas o caos. É o motivo pelo qual os bebês choram, nós não entendemos o porquê. É porque eles não estão muito bem orientados, eles não possuem o simbólico para sustentá-los.*

Cristiane Cardoso: Mas eles têm a música.

Alain Didier-Weill: *Eles têm a música quando eles a têm, mas não o tempo todo. Desde que eles ouvem a música, desde que a música chega a um sujeito, é uma espécie de paz. Mas não é de imediato, de pronto. Não é como o estádio do espelho, a seis ou sete meses. O estádio sonoro, a meu ver, é a um ou dois meses. Mas não podemos cronometrá-los deste modo.*

Eu gostaria de acrescentar que Lacan fala do fato que nunca foi explicitado, nunca foi estudado, o efeito que produz a pulsão invocante no fim de uma análise. Sobre o fim da análise, ele diz que, para além da fantasia, quando o sujeito é levado a viver a pulsão a mais originária que é a pulsão invocante – e Lacan diz que é a experiência a mais próxima do inconsciente -, nunca, diz ele, se mediu os efeitos dessa pulsão invocante quando ela é vivida em análise, em particular no fim da análise. Lacan parece dizer que ele mesmo não a tratou verdadeiramente; mas, isso dito, isso significa que nós não podemos tratar a pulsão invocante com as palavras de Lacan, posto que ele mesmo não a tratou, mas sim com nossas próprias palavras, que devem poder inovar e correr o risco de uma inovação sobre este tema tão difícil.

Alain Didier-Weill, julho de 2016.

ORIGINAL DO TEXTO DE ALAIN DIDIER-WEILL EM FRANCÊS:

Alain Didier-Weill: *Bonjour Maria Lidia, merci de m'avoir adressé ces notes de lecture à propos de la pulsion invocante de Lacan. Je pense que préalablement il faudrait poser deux questions fondamentales.*

- 1. Premier question : Comment se fait-il que Freud n'ait jamais parlé de la pulsion invocante ? C'est une question très importante et qui est en rapport avec sa conception de la psychanalyse.*

2. Lacan nous laisse également une question dont il faut tenir en compte :
Il dit que la pulsion invocante n'a jamais donné à des analystes de
comprendre ses effets sur la clinique.

Ces deux questions me suscitent quelques réflexions dont je vous donne un
petit aperçu.

Il n'est pas indifférent pour comprendre la différence de position de Lacan et
de Freud de saisir l'affinité de la pensée de Lacan avec la dimension d'un
« surgissement » *ex nihilo*, comme il dit, mais du sujet, alors que Freud ne pose pas
cette question. Peut-être son attention portée à la sexualité des névrosés ne le
disposait-elle pas à prendre en charge la question de la causalité signifiante plus
spécifiquement posée par la psychose. Mais peut-être aussi sa propre façon d'être
athée – tout à fait différente de celle de Lacan – en le détournant de toute pensée
créationniste, le destinait à demeurer proche de la conception grecque d'un réel
incrée ne surgissant pas *ex-nihilo*.

Toujours est-il qu'au-delà de l'éternelle tension entre l'art classique et l'art
baroque, au-delà de l'opposition entre un Freud classique et un Lacan baroque, il
demeure que ce conflit, qui renvoi à celui du discontinu et du continu, est une des
façons de penser la division même du sujet : division qui le dispose, sur le plan
sonore, à devoir articuler l'antinomie de la consonne discontinue et de la voyelle
continue. Et sur le point visuel à devoir articuler l'antinomie entre la ligne qui limite et
la couleur irradiante qui ne connaît aucune limite.

Le sujet n'advierait-il pas comme invocante qu'en demeurant divisé dans un
rapport au réel qui serait à la fois d'ordre baroque et d'ordre classique : ce sujet
serait dans un rapport « baroque » au réel par l'intermédiaire du temps anhistorique
de la pulsée constante de la pulsion ? Son rapport « classique » au réel serait fondé
par l'interdit de jouissance qui par l'intermédiaire de la ligne visuelle et de la
consonne sonore limiterai la constance anhistorique de la consonne, et limiterai la
constance anhistorique du flux pulsionnel.

Cristiane Cardoso : Maria Lidia dit dans son texte que la fonction de l'objet
voix, une de ses fonctions, c'est d'inaugurer un nouvel ordre : le passage du « sans
Loi » au « avec Loi », la Loi du symbolique, de la parole. Et toi, dans ton texte
« Quelques remarques sur le passage du son au sens » paru sur le numéro 5 la
revue « Insistance », tu parles de ce passage de la Loi de l'harmonie à la Loi de la
parole. Est-ce que la Loi de l'harmonie est ce temps sans Loi ?

Alain Didier-Weill : *C'est déjà une Loi. C'est une Loi qui permet d'entendre la musique.*

Cristiane Cardoso : Mais quel est ce temps sans Loi alors? Si avant la parole il y a la musique et donc la Loi de l'harmonie, quel es le temps sans Loi ?

Alain Didier-Weill : *C'est le temps traumatique, où il n'y a rien, il y a que du chaos. C'est la raison par laquelle les bébés pleurent, on ne comprend pas pourquoi. C'est parce qu'ils ne sont pas très bien orientés, ils n'ont pas le symbolique pour les soutenir.*

Cristiane Cardoso : Mais ils ont la musique.

Alain Didier-Weill : *Ils ont la musique quand ils l'ont mais pas tout le temps. Dès qu'ils entendent la musique, dès que la musique vient à un sujet, c'est une sorte de paix. Mais ce n'est pas tout de suite, tout de suite. Ce n'est pas comme le stade du miroir, à six ou sept mois. Le stade du sonore, à mon avis, c'est à un ou deux mois. Mais on ne peut pas les chronométrer comme ça.*

Je voudrais rajouter que Lacan parle du fait que jamais il n'a été explicité, jamais il n'a été étudié l'effet qui produit la pulsion invocante dans la fin d'une analyse. Sur la fin de l'analyse, il dit qu'au-delà du fantasme, quand le sujet est amené à vivre la pulsion la plus originaire qu'est la pulsion invocante - et Lacan dit, c'est l'expérience la plus proche de l'inconscient - jamais, dit-il, on a mesuré les effets de cette pulsion invocante quand elle est vécue en analyse, en particulier à la fin de l'analyse. Lacan semble dire que lui-même ne les a pas véritablement traité ; mais ceci dit, cela signifie que nous ne pouvons pas traiter la pulsion invocante avec les mots de Lacan, puis que lui-même ne la pas traitée, mais avec nos propres mots qui doivent pouvoir innover et prendre le risque d'une innovation sur ce sujet qui est tellement difficile.

Alain Didier-Weil, juillet 2016.

Recebido em: 05-09-2018

Aprovado em: 03-10-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php